

*“Somos muy poca cosa cuando estamos aislados, muy fuertes si estamos conectados, así que la conexión permanente y ubicua con comunidades cada vez más amplias, la vivencia en unos espacios públicos, unas “plazas del pueblo” renovadas y cada vez más presentes en la vida social, cultural y política, nos harán, de nuevo, como individuos y sociedades, cada vez más libres.” (Dolores Reig)*

Através da observação e análise da vivência acadêmica nos cursos de Relações Internacionais, notou-se a ausência de publicações conduzidas por acadêmicos que divulgassem os trabalhos científicos das graduações e pós-graduações, bem como dos demais profissionais da área e/ou áreas correlatas. A carência de canais de comunicação para incentivar a produção e a publicação de artigos e ensaios escritos contribui para perpetuar deficiências de formação acadêmico/intelectual desses estudantes, afastando-os dos problemas empíricos da sociedade em que vivem e atuam, e com a qual pouco se comunicam. Pois é este justamente o propósito da RARI: constituir-se como espaço ampliado para o diálogo acadêmico - e com a sociedade - sobre as Relações Internacionais.

Os “monólogos” dos meios de comunicação de massas e de outras instituições (políticas, econômicas, de pesquisa, de ensino, e etc.) não mais são suficientes para dar conta dos desafios do momento histórico em que vivemos. Um exemplo contundente disso são os movimentos sociais que ocuparam as ruas do Brasil nestes últimos dias – e que explicam-se, em parte, pela disseminação dos meios de comunicação baseados na Internet. Os chamados que vêm das ruas e das Redes Sociais, na sua pluralidade de vozes e perspectivas, demandam, objetivamente, por mais envolvimento dos indivíduos, e das sociedades -- e por que não, das universidades -- no contínuo processo de se comunicarem e de se auto-organizarem entre si, para a construção de um futuro que se quer.

Neste contexto, de ampliação significativa dos espaços para o diálogo público por meios digitais, aos poucos vamos deixando, enquanto sujeito histórico-social, a passividade característica da sociedade de consumo frente as informações e as ideias que até então nos eram transmitidas, unilateralmente, por grandes e poderosos interlocutores oficiais. Com a emergência das mídias sociais podemos, cada dia mais, comunicar e sociabilizar aquilo que nos interessa, discutir publicamente em relação ao que não concordamos, e principalmente, podemos nos apropriar, ressignificar, e compartilhar aquilo que nos é comunicado, tornando-nos também co-criadores do processo comunicativo social. Como já dizia o sábio Paulo Freire, patrono da educação brasileira: “Os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”.

É, pois, um novo mundo que se apresenta diante de nós. As universidades – “templos do saber” – precisam desconstruir os muros que as distanciam e as alienam das sociedades em que estão inseridas, e para isso se faz necessário lançar-se obstinadamente no desafio de renovar os espaços de diálogo e de construção coletiva do saber. Diante desse cenário, a RARI pretende ocupar o locus interativo entre pesquisa e extensão, objetivando consolidar e estimular a prática de elaboração de textos críticos aptos à publicação, para o intercâmbio de ideias criativas e propostas edificantes.

Com o atual Comitê Editorial da Revista procuramos trabalhar com princípios organizacionais diferenciados, como o de “horizontalidade” participativa, orientação democrática e inclusiva das decisões, transparência nas divisões e realizações das tarefas, para o estabelecimento de uma Revista que não apenas aparenta ser diferente, pois a todo momento trabalhamos com a ideia de que somos todos igualmente responsáveis e facilitadores dos nossos objetivos editoriais. Na prática, isso significa que temos a ambição de possibilitar para cada um de nossos construtores e aprendizes a opção de trabalhar nas tarefas que

melhor realizam, para que tenham maiores oportunidades de crescimento pessoal, profissional e humano.

É neste marco que a RARI se insere, é para a efetivação da dimensão social da construção do saber que convidamos a comunidade acadêmica a co-criar este projeto, a apropriar-se dele, a ressignificá-lo. Como graduandos e pós-graduandos, esperamos construir uma revista que esteja dentro dos padrões exigidos para os periódicos científicos em termos de normatização e qualidade, mas sem nos afastarmos de nossa proposta, que visa privilegiar a produção teórico-analítica dos acadêmicos que queiram ir, pois, além do “academicismo” e do produtivismo para a mera titulação, de modo a verdadeiramente se somar ao diálogo público e intelectual de que a sociedade brasileira tanto precisa. Somos todos acadêmicos, no sentido de intelectuais públicos, comprometidos com a função social da produção científica e com o futuro das Relações Internacionais e do Brasil.